

# DE VOLTA PARA CASA

**E**m abril de 2012, malas prontas após a tradicional viagem de Páscoa a Paris, Lucia Hippolito estava no hotel, sentada na cama, aguardando a chegada do táxi que levaria ela e seu marido, Edgar Flexa Ribeiro, ao aeroporto de volta ao Brasil. Carro na porta, é hora de ir. Naquele momento, a jornalista e cientista política sentia o primeiro sintoma da síndrome de Guillain-Barré, que lhe tiraria todos os movimentos do corpo: as pernas não responderam.

Levada rapidamente ao hospital, a doença evoluiu em um piscar de olhos, atingindo o pulmão naquele mesmo dia. Se tivesse entrado no avião, talvez não tivesse sobrevivido. “Foi muito dura a barra, muito sofrido. Mas já que o raio tinha que cair, não teria lugar melhor do que no próprio hospital onde os médicos Guillain e Barré descobriram a síndrome”, lembra Edgar sobre o Hospital Raymond-Poincaré, referência no tratamento, e onde sua mulher ficou internada por três meses, sem mexer nada, além dos olhos, sendo 47 dias sem conseguir falar.

Aliás, a experiência de faltarem os sons das palavras foi classificada por Lucia como uma das mais terríveis, sobretudo para uma comunicadora que estava no auge da correria. Colaborava

RECUPERADA DA SÍNDROME DE  
GUILLAIN-BARRÉ, DOENÇA  
AUTOIMUNE QUE ROUBOU SEUS  
MOVIMENTOS, LUCIA HIPPOLITO,  
UMA DAS “MENINAS DO JÔ”,  
VOLTA AO JORNALISMO COM  
ANÁLISES POLÍTICAS AINDA MAIS  
AFIADAS E CHEIAS DE HUMOR

POR THAÍS NALDONI  
GERENTE DE CONTEÚDO

POR DANÚBIA PARAIZO  
SUBEDITORA DE REVISTA

em jornais como *O Globo* e *Correio Braziliense*, fazia comentários políticos no UOL e no canal GloboNews, mantinha a ancoragem do “CBN Rio”, comentários políticos em outras atrações da programação da rádio, além de ser conhecida em todo o Brasil como uma das “meninas do Jô”, quadro do programa do apresentador global.

“Para um comunicador, ficar sem falar é simplesmente terrível. Enquanto não podia falar, era uma página que continha todas as letras do alfabeto que ajudava na interação. Como eu só piscava o olho e virava a cabeça para o lado, meu marido me perguntava: é vogal? E eu

então negava ou piscava. Então ele arriscava algumas consoantes até que eu piscasse. Ele escrevia palavra por palavra em um caderninho e assim a gente ia compondo as frases”.

Nesse período de resignação e paciência — algo que ela admite ter aprendido a ter nesse tempo — a jornalista se “especializou” em política francesa. “Nos três meses em que fiquei internada na França, acompanhei toda a campanha presidencial pela TV e rádio. E depois, quando voltei ao Brasil, lia jornal todos os dias com a ajuda das minhas cuidadoras, que viravam página por página. Agora estou conseguindo





acessar a internet com mais facilidade, então, consigo ler mais jornais e já estou acompanhando as notícias mais facilmente.”

Relembrando o tempo mais difícil do tratamento, ela admite que não conseguiria superá-lo sem o apoio do marido. “Perdi muito peso. Além do tempo entubada, fiquei inchada de remédios, de soro. O Edgar foi fundamental na minha recuperação. O que salvou minha vida foi a fé que eu não perdi nem por um minuto, o senso de humor e o Edgar, que tirou licença da vida dele para cuidar da minha.”

Passados os três meses de maior trauma e um pouco mais fortalecida, apesar de ainda sem andar ou mexer nada além da cabeça, a cientista política finalmente voltou ao Brasil para concluir o tratamento, em agosto de 2012.

Já no Rio de Janeiro (RJ), Octavio Guedes, diretor de redação do jornal *Extra*, e substituto da jornalista no “CBN Rio”, foi sua primeira visita. O jornalista conta que se surpreendeu com a força que a colega transmitia. “Ela estava completamente paralisada. Eu, muito constrangido, perguntei como estava. E ouvi dela: ‘Tô mexendo o olho como ninguém’. A gente caiu na gargalhada e conversou muito. Ela conseguiu manter o bom humor no auge do problema.”

### MAIS UM PASSO

A passagem pela capital fluminense foi rápida. O destino para os próximos 17 meses seria Brasília (DF), no hospital Sarah Kubitschek, referência no tratamento e reabilitação de pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Por lá, recebia visitas frequentes dos colegas da cobertura de política. Em especial de Dora Kramer, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*. “Para mim a recuperação da Lucia era questão de tempo. O que me impressionou mesmo foi o espírito com que ela enfrentou tudo aquilo. Foi uma coisa muito dura e ela com bom humor enfrentou com uma força invejável.”

### "PARA UM COMUNICADOR, FICAR SEM FALAR É SIMPLEMENTE TERRÍVEL"

A colega recorda que não eram raras às vezes em que ultrapassava o horário de visita do hospital, devido às conversas, discussões sobre política e muitas risadas. “Tudo era marcante, especial ali. Desde o dia em que ela conseguiu segurar um copo, à primeira vez que ela se sentou. Eu sempre dizia: ‘pelo amor de Deus, Lucia. Se sou eu, eu não aguentaria essa barra’. E ela ali, celebrando cada ganho como uma grande vitória.”

Ela, que hoje usa cadeira de rodas, mas já ensaia alguns passos no andador, se lembra satisfeita de cada etapa concluída. Recorda-se também dos primeiros dias, quando chegou a preferir morrer, e, assim, dar cabo ao sofrimento. O pensamento, no entanto, ficou lá no passado, porque hoje Lucia quer mais é viver. “Gosto demais da vida. Ela é muito difícil, mas gosto demais dela. Dos momentos que quis morrer, foi porque sempre fui muito ansiosa. Achava que se eu morresse tudo seria decidido rápido, mas depois abandonei essa ideia. Hoje eu quero mais é viver.”

### BE-A-BÁ DA POLÍTICA

A história de Lucia com o rádio começou em 2002, quando Mariza Tavares havia acabado de assumir a direção executiva da CBN. Era ano de disputa presidencial e a jornalista procurava um comentarista que pudesse ser didático ao explicar as eleições. Logo de cara lembrou-se da época em que ainda era repórter do jornal *O Globo* e das aulas de história da política recente dadas por Lucia. Não deu outra.

“Era um ano crucial de disputa à Presidência, com o Lula no cenário novamente. E a convidei porque lembrava como tinha sido importante para mim aquele conhecimento que a Lucia tinha passado quando eu era repórter. Na ocasião, criamos o quadro “Por dentro das eleições”, em que ela explicava coisas que às vezes traziam confusão ao eleitor”, lembra Mariza.

O trabalho não demorou a ser reconhecido. Em 2004, já como comentarista de política na rádio,



ela ganhou o primeiro “Troféu Mulher IMPRENSA”, prêmio que reconhece a excelência feminina nas redações em todo o Brasil. Não à toa, ela também foi campeã nos quatro anos seguintes.

O envolvimento íntimo com o jornalismo acabou motivando a cientista política a voltar à sala de aula. Em 2005 começou a faculdade de jornalismo, aproveitando os créditos do curso de história, concluído nos anos 1980. Terminou a faculdade em um ano. “No primeiro dia de aula foi curioso. Os alunos acharam que eu era a professora. Foi um aprendizado muito bacana estudar com uma geração tão diferente da minha”.

Sempre muito acelerada, a comentarista ia criando cada vez mais raízes no jornalismo. Já formada, teve sua estreia na TV em 2005, quando, ao lado de Lilian Witte Fibe, Cristiana Lôbo e Ana Maria Tahan, participava do quadro “As Meninas do Jô”, exibido no Programa do Jô, na TV Globo, além de colaborar com outros veículos e seguir “xerifando” o Rio de Janeiro (RJ), à frente do “CBN Rio”.

## MULHER DE CLASSE

O universo escolar esteve presente na vida de Lucia desde quando, ainda menina, no interior de São Paulo, sonhava em ser professora. Não deu outra. Logo depois da faculdade de história, de cara se aventurou a dar aulas para uma turma do 3º ano do colegial em um dos melhores colégios do Brasil. No Andrews, no Rio de Janeiro, passaram grandes nomes da política, literatura e cultura, como Tom Jobim, Rubem Alves, Merval Pereira, Clarice Lispector, entre outros. A própria Lucia estudou na instituição e não pensou duas vezes ao receber o convite.

À época, o diretor do colégio não colocou muita fé na professora recém-formada. Edgar Flexa Ribeiro, atualmente membro da diretoria da instituição, conta que ficou sem saída por causa do repentino pedido de demissão do antigo professor de história. No final das contas, Lucia conquistou

## "NO PRIMEIRO DIA DE AULA FOI CURIOSO. OS ALUNOS ACHARAM QUE EU ERA A PROFESSORA"

não apenas a turma, mas o coração de Edgar. Em 2014 completaram 42 anos de casados. “Ela nunca tinha dado aula. Fiquei na dúvida se ela daria conta do recado, mas foi um sucesso, ela arrasou”, lembra o atual presidente do Sindicato das Escolas Particulares do Rio de Janeiro (Sinepe-Rio).

Muito discreto em suas investidas na jovem professora, uma vez que havia se separado há pouco tempo e tinha dois filhos, Edgar conta que foi desenvolvendo uma admiração muito grande por Lucia. A forma que encontrou para ficar perto dela foram os eventos do colégio. Duas ocasiões, em especial, ficaram marcadas. Certa vez, um grupo de professores suecos veio ao Brasil e o diretor chamou Lucia, fluente em inglês, para acompanhá-los.

Pouco tempo depois, uma caravana de professores vindos do México visitou o colégio, e mais uma vez, Lucia foi chamada. Em entrevista ao amigo Jô Soares, em outubro de 2008, a jornalista contou que foi amor à primeira vista quando conheceu o diretor da escola. Ele, por sua vez, confessou que a missão de conquistá-la não foi simples assim. Discussões sobre quem se apaixonou por quem primeiro à parte, ninguém poderia duvidar do companheirismo dos dois. Principalmente, depois daquele abril de 2012.

## E ELA VOLTOU!

“Mais feliz que pinto no lixo”, segundo a própria. A reestrela ao vivo, em outubro deste ano, a levou exatamente ao ponto que havia parado. Seu contrato com a CBN jamais foi rompido. Agora, em pleno processo de recuperação, mas apta a trabalhar — não tanto quanto antes, confessa — passa a apresentar o quadro semanal “Vai vindo”, uma mistura de crônica carioca com seus tradicionais comentários políticos. “Quando uma síndrome como essa chega, algo que pode acontecer com qualquer um, o que nos resta é acompanhar desde o começo com toda a rede de solidariedade. O máximo que podíamos



fazer era torcer e guardar o lugar dela quando voltasse. E foi o que fizemos”, diz Mariza Tavares, diretora executiva da CBN.

A missão de honrar a cadeira enquanto se recuperava ficou com Octávio Guedes, pupilo de Lucia. De tanto ouvir, 'menino, você leva jeito para o rádio', Guedes acabou seguindo o conselho da colega. Quando Lucia foi chamada para apresentar o “CBN Rio”, em 2008, convidou o jornalista para o quadro “Aconteceu, não virou manchete”. Nascia ali uma parceria tão forte que acabou sendo natural a sucessão quando sua maior incentivadora precisou se afastar. Os papéis se inverteram, mas a amizade permaneceu.

“No rádio os ouvintes se acostumam muito com o âncora, de forma que quando trocam, o substituto, às vezes, sofre um pouco de rejeição. Mas isso não aconteceu comigo. A Lucia deu um depoimento na minha estreia dizendo que eu era o sucessor dos sonhos dela. Então, não sofri rejeição, muito pelo contrário.”

Como compromisso com os ouvintes e com a própria Lucia, Guedes passou a dar notícias sobre o estado de saúde da jornalista no ar, e mais tarde, quando ela estivesse melhor, também traria alguns comentários de política, como os do julgamento do Mensalão e manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, em 2013.

No que depender do marido, o retorno de Lucia, ainda que gradativo, é definitivo. Ele, aliás, foi o maior incentivador para que a esposa voltasse às suas atividades. Em meio a uma rotina de fisioterapia, fonoaudiologia e psicanálise, ela decidiu que era momento de voltar. “A Lucia é cavalo de corrida, se ficar na baía parada, não adianta. Tem que colocá-la para correr. Ela está indo muito bem. Estou orgulhoso por ela e por mim. Encaramos essa barra e vencemos juntos”, celebra Edgar.

Primeiro foram três palestras no Rio de Janeiro (RJ), na Casa do Saber, em setembro. No mesmo mês, engatou uma participação com Jô Soares em um evento corporativo, em São Paulo (SP). Amigo de longa data da jornalista, o apresentador ressalta sua inteligência e o desejo de que sua recuperação seja completa. “Lucia continua com a mesma sagacidade e rapidez de sempre. A lentidão que ela ainda combate nos gestos é diametralmente oposta à rapidez do seu pensamento.”

Com a voz embargada de emoção em sua reestrela, não há mesmo dúvidas de que Lucia esteja feliz. Assim como a lenda da Fênix, das cinzas ela ressurgiu ainda mais vibrante. ■